

DE REPENTE DO PRANTO FEZ-SE A LUTA: O MOVIMENTO SOCIAL MÃES DO CURIÓ NA DEFESA DOS DIREITOS SOCIAIS DAS JUVENTUDES

*Indra Lucena Arnaud Paiva*¹, *Mayrla Stefani Oliveira Fernandes*²,
*Isabel Aline Pinho Romão*³, *Raul da Fonseca Silva Thé*⁴

Resumo:

O presente trabalho busca compreender o movimento social Mães do Curió e como a chacina de onze homens gestou uma luta pelo direito das juventudes periféricas. Com uma pesquisa eminentemente qualitativa, baseada por observação direta, entrevistas e rodas de conversa. Apresentamos fatos que organizaram essas mulheres, sua forma de ativar o luto e de que maneira o movimento sintetiza uma série de dominações autoritárias do capitalismo, colonialismo e patriarcado. Como considerações finais observamos como o movimento interpreta suas condições e propõe suas reivindicações de modo a resistir (e reexistir) a uma realidade que desumaniza e considera matáveis os jovens de periferia.

Palavras-chave: Mães do Curió. Dominações Autoritárias. Chacina. Movimento Social. Juventudes.

1 Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará – Pesquisadora associada do Laboratório Conflitualidade e Violência (COVIO/UECE).

E-mail: indraarnaud@gmail.com.

2 Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: mayrla.stefani@gmail.com.

3 Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: isabelpinho17@hotmail.com.

4 Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE) - Pesquisador associada do Laboratório Conflitualidade e Violência (COVIO/UECE).

E-mail: raulsilvathe@gmail.com.

SUDDEN FROM THE CRY THE FIGHT WAS MADE: THE SOCIAL MOVEMENT MOTHERS OF THE CURIÓ IN THE DEFENSE OF SOCIAL RIGHTS OF YOUTHS

*Indra Lucena Arnaud Paiva, Mayrla Stefani Oliveira Fernandes,
Isabel Aline Pinho Romão, Raul da Fonseca Silva Thé*

Abstract:

The present work seeks to understand the social movement Mothers of the Curió and how the slaughter of eleven men created a struggle for the rights of the peripheral youths. With eminently qualitative research, based on direct observation, interviews and talk wheels. We present facts that organized these women, their way of activating mourning, and how the movement synthesizes a series of authoritarian dominations of capitalism, colonialism, and patriarchy. As final considerations, we observe how the movement interprets its conditions and proposes its claims in order to resist (and re-exist) a reality that dehumanizes and considers the youths of the periphery to be killable.

Keywords: Mothers of the Curió. Authoritarian Dominations. Slaughter. Social Movement. Youths.

Introdução

Grandes morticínios têm se tornado frequentes no estado do Ceará, especialmente, na cidade de Fortaleza. Destarte, um olhar quase sempre é silenciado e esquecido, o dos parentes das vítimas, ainda mais as mães. Dedicadas a que isso não ocorra as Mães do Curió organizaram um movimento social que busca não só justiça, mas, fundamentalmente, falar em defesa dos direitos das juventudes periféricas, particularmente o de permanecerem vivos. (O POVO, 2018b).

Assoladas, em 2015, pela maior chacina do estado até então, as mães e parentes das onze vítimas da – que ficou conhecida como – Chacina do Curió buscaram, por meio da reunião, resistir e, ao mesmo tempo, re-existir em e a uma realidade eivada de opressões autoritárias. Aqui se intenta entender o ímpeto de ressignificar o luto diante da perda de parentes, especialmente filhos, em um profundo debate acerca da vida de outros tantos jovens periféricos da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará. (FRANCO, 2017; ONZE, 2018; SANTOS, 2018; SILVA e FREITAS, 2018; ZALUAR, 2018).

Para tanto, iniciamos com a exposição do fato que culminou na necessidade da formação do movimento e que nos interpelou para, empiricamente, tratar de ventilar as opiniões e os sentimentos que as participantes expressam ao próprio ato de reivindicarem justiça pela morte de seus entes, enquanto buscamos compreender os sentidos e os significados que lhes estão subjacentes. Em decorrência buscamos apresentar analiticamente os contextos em que chacina e movimento estão inseridos, sem esquecer-se da luta pelos direitos sociais das juventudes periféricas.

Alicerçados sobre uma metodologia que prima essencialmente pela pesquisa empírica qualitativa, buscamos por meio do contato direto, da conversa informal e do encontro entre perspectivas investigar as ideias e os afetos colocados em *movimento* na processualidade dos fatos e atos que dão vida ao e às Mães do Curió. Destacando-se aqui a potencialidade da constituição de rodas de conversa para a pesquisa, uma vez que facilitou a expressão das interlocutoras e apontou para capacidade real, deste intento metodológico, de produzir *entre-vistas*⁵.

Para fins de exposição, o presente trabalho está dividido em cinco partes, nas quais realizamos: (i) a apresentação do processo metodológico; (ii) a descrição do fato gerador do movimento em questão; (iii) a explicitação do campo/das falas das participantes do movimento social Mães do Curió; (iv) a discussão teórica que o campo suscitou; e (v) a indicação das considerações finais, refletindo acerca do movimento, das reivindicações e da realidade opressora para jovens e familiares de periferia.

5 Termo utilizado aqui para revelar como a roda de conversa constitui não somente um olhar unilateral do pesquisador, mas ressalta as trocas tanto entre os pesquisadores e as entrevistadas quanto entre as próprias entrevistadas.

Metodologia

A citada chacina desenvolveu variadas questões de múltiplas dimensões e, em específico, questionamentos sobre a realidade na qual os envolvidos – vítimas e familiares – estavam sujeitos e a que violências lhes eram impostas por suas condições econômicas, sociais e políticas. Um exemplo de violência advinda do Estado é a postura da polícia – órgão que tem por mandato prover segurança à sociedade – para com os jovens e adolescentes de periferia, que os estereotipa ao mesmo tempo em que a lógica capitalista desse mesmo Estado coloca certos adolescentes em padrão social e econômico desigual e constitui regiões de maior vulnerabilidade social. (ABRAMOVAY e CASTRO, 2002; FREITAS, BRASIL e ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2009, p. 246).

Para analisarmos essas inquiuições desenvolvemos pesquisa com algumas representantes do movimento Mães do Curió. Compreendendo ser mais representativo entrevistá-las reunidas do que separadas, nos encontramos com elas em um café da manhã, atividade corriqueira para as integrantes, uma vez que elas organizam tais momentos para buscar descontração e retomar o fortalecimento e a constituição de agenda do movimento. Diante disso, escolhemos realizar conversas informais por meio de palavras geradoras, lançando ideias para um debate geral, as deixando mais à vontade ao se expressarem.

A metodologia utilizada na roda de conversa foi a observação direta com a primazia do *in vivo*, em que observamos suas emoções ao falarem do acontecido e o modo de se relacionar entre si, que muitas vezes eram marcados com afeto e intimidade, por constituírem o movimento, por estarem na mesma condição e conviverem com a mesma dor de perder um filho, sobrinho ou esposo por meio da violência estatal. Além disso, a roda de conversa funcionou à coleta de dados no intuito de emular um grupo focal de modo informal, permitindo que vissemos as nuances internas do movimento e a rede de afetos gestada pelo luto e pelo esforço comum.

Ainda, buscamos compreender os sentidos e os significados na fala das mulheres (maioria mães de vítimas) escutadas no encontro, realizando anotações nos cadernos e nos diários de campo e observações do que foi dito e exposto no momento. Desse modo, partindo do pressuposto da compreensão do que foi falado, atrelado às expressões alarmantes e ascendentes da questão social em vários períodos históricos. Realizamos uma pesquisa eminentemente qualitativa com o contato com as participantes-fundadoras do movimento, auxiliados por fontes bibliográficas e documentais. (CERQUEIRA *et al.*, 2018; ALMEIDA, 2016; DIÁRIO DO NORDESTE, 2016; G1, 2015a; 2015b; GUERRA *et al.*, 2007; NARLLA, 2015; O POVO, 2015a; 2015b; 2018a; 2019; VIANA, 2018; WEBER, 2003).

“De repente, não mais que de repente”⁶: A chacina de Messejana fez nascer as Mães do Curió

Entre os dias onze e doze de novembro do ano de 2015, ocorreu uma chacina na região da grande Messejana, Fortaleza, Ceará. Uma série de homicídios durante a madrugada, assassinou onze jovens e adultos envolvendo a região do Curió, São Miguel, Lagoa Redonda, bairros da Messejana. (VIANA, 2018).

Foi identificado que os participantes do crime foram 45 policiais militares do estado do Ceará, com envolvimento direto ou indireto. A ação, pressupostamente, se desenrolou com o intuito de vingar a morte de outro policial militar que foi assassinado na mesma noite do dia onze de novembro, ao reagir a um assalto na grande Messejana, horas antes do início da chacina. (VIANA, 2018).

Esse contexto fundamentou o surgimento do movimento de Mães do Curió. A maioria das fundadoras são mães que perderam seus filhos jovens, sem antecedentes criminais, nesta grande chacina. O movimento também integra outros familiares de vítimas, como tios (as) e esposas. A maioria dos membros são mulheres e as vítimas foram todas homens negros entre 16 e 41 anos. Diante disso, podemos indicar de forma concreta as questões e o peso de processos opressivos vinculados às dominações autoritárias formuladas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado que perpassam, especificamente, a vida de jovens que vivem nas periferias. De acordo com Scherer (2013), se multiplica exponencialmente a morte de jovens por causas externas, seja pelo desamparo do Estado ou pela satanização da juventude, a quem se atribuem, pensamentos conservadores com o intuito de padronizar e disciplinar seus corpos. (FOUCAULT, 1987; FRANCO, 2017; VIANA, 2018; SANTOS, 2018; ZALUAR, 2018).

As Mães, o movimento e a luta nas *entre-vistas*: “o que nós queremos é lutar pelos jovens vivos”

Em desacordo em relação a passividade com a realidade exposta, alguns familiares se reuniram, foram para as ruas unidos pelo mesmo sentimento. Se organizaram em prol da luta por justiça e pelos direitos humanos, em especial, na garantia da liberdade de viver do jovem morador da periferia. Em ampla dimensão destaca-se o impulso de garantir o direito de ir e vir e de poder se expressar por meio de seus corpos e de seus modos de vida sem que sejam estigmatizados. Com isso, HARPIA⁷ expressa às

6 O Soneto da Separação, de Vinícius de Moraes, apresenta trechos que nos parecem potentes em expressar os sentimentos das nossas interlocutoras, dado o momento da morte de seus filhos, por isso a escolha de propor sua lembrança no título do artigo e deste tópico.

7 Apesar das integrantes do movimento não se importarem em revelar suas identidades, compreendemos que seria mais ético preservar seus nomes. Diante disso, partindo desse ponto, decidimos intitular e simbolizar suas identidades com nomes de aves mães, que representam a luta e características de cada uma delas: protetoras, desafiadoras, cooperativas, altruístas e destemidas.

dimensões da luta das Mães do Curió:

porque... o que nós queremos... é... como já foi dito pela CISNE... é... *a gente lutar também... pelos jovens vivos!* Porque os nossos filhos, não vão mais voltar... a gente sabe disso... o que a gente quer é justiça... exoneração dos cargos... eles sejam condenados... certo? Que o estado pague de todas as maneiras o que ele cometeu... o erro que ele cometeu... o reconhecimento do estado... por ter errado... por ter matado onze vítimas inocentes... nós buscamos isso ai para os nossos filhos, mas buscamos também... que o estado pare de matar os jovens... pobres... que eles parem de entrar nas periferia dizendo que é vagabundo... dizendo que é bandido... dizendo que... que... acontece uma coisa é porque eles são bandidos, não! O Estado tem que parar com essas maldade que ele faz com os nossos filhos... (HARPIA [grifo nosso])

Diante dessas pautas de luta, como movimento social, as mães enfrentaram algumas dificuldades diante do abalo de perder seus filhos pelas mãos do Estado. Pois no início, o principal limite era falar sobre o que defendiam, pois, era difícil lidar com a dor e emoções envolvidas. Ou seja, a principal barreira era o silenciamento, expresso pelo descontrole emocional. Como dito por HARPIA:

então... eu não tive forças... não tive coragem... não tive ânimo de engrossar na luta... essa foi a realidade. Ai o que acontece... eu fiquei muito depressiva na época... eu só chorava... me desesperei... porque na verdade eu queria era morrer... né? Porque quando você gera um filho... um filho... que é seu maior sonho... de ter é seu filho... como eu tinha o sonho de ter um filho homem! Ai então... eu não tive forças certo?... eu não tive ânimo... pra ir pra luta e tudo... porque quando você tem um filho... você gera um filho... na intenção dele servi o exército brasileiro... e a própria polícia vim e matar... sem seu filho dever nada... é muita ironia... então *eu não aceitava* a morte do meu filho, vindo de... pelo policial... porque ele é neto de policial... o vô dele não é mais vivo... não era vivo na época... mas ele era neto de policial... eu não aceitava... então eu não *conseguia digerir* essa história... entalada... [grifos nossos].

Atualmente, além da questão emocional em que todos os dias elas decidem ressignificar seus sentimentos de luto em proposições que buscam aflorar mais vida para as juventudes periféricas, reúnem forças para defrontar um Estado que se posiciona em guerra contra o seu povo, contra a sua juventude. Outra contrariedade são as poucas condições materiais, os obstáculos que se estabelecem na compreensão das limitações⁸ que as oito integrantes têm em reúnem todas nos encontros e nos círculos de conversa. Resquício também, da própria condição social e falta de suporte financeiro ao movimento encabeçado pelas mães.

8 Tal limitação se expressa também na própria coleta dos dados deste artigo, uma vez que nem todas as mães podem ir para os encontros e tantas vezes as falas se reiteram ou ficam fixas em algumas das integrantes.

Contudo, o movimento das Mães do Curió conseguiu fundamentar sua organização por meio do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA). Onde recebem acompanhamento psicológico e jurídico, palestras, e espaço para reuniões. Assim, elas apoiam os princípios que defendam os direitos das crianças e adolescentes, principalmente quando há violação ou omissão do poder público. Por meio disso, atuam também, no *acolhimento de mães* que viveram casos semelhantes, isto é, que perderam seus filhos por assassinato ou vivem violentados pelo Estado. CISNE, relatou que:

A gente tá sempre tentando fazer esse movimento. E... agora... estamos também com... com... um... dando um certo apoio às mães da... da... do... socioeducativo, porque querendo ou não são vítimas da sociedade também...né?... e... a gente tá...é... é... tendo... tendo... um... um... contato maior com elas... né?... porque... são mães! Independente da escolha dos seus filhos, erradas ou certas... mas... são mães! são familiares! Que... muito deles estão passando pela mesma dor que nós estamos passando, porque perderam também filhos... né?... além de ter perdidos filhos...pra... pra... essas instituições...que de...de... de educacional não tem nada... muito pelo contrário. E... mas a gente tá... tentando mesmo dar uma ajuda... e... também ser ajudada, porque a experiência dos outros também nos fortalece... (CISNE [grifos nossos])

Assim, dentro de uma tragédia foi construída uma história de resistência. A luta das mães do movimento em questão vai para além da reivindicação por justiça, encaminhando-se para fazer emergir a vida como conquista de direitos. Elas almejam por uma reforma na condução política, sob o princípio da responsabilização do Estado pelos crimes e omissões cometidos junto às famílias. (FRANCO, 2017; FREITAS, BRASIL e ALMEIDA, 2012).

Desse modo, as Mães apontam que a realidade na qual estão inseridas é fruto de uma desigualdade social institucionalizada e que, em decorrência disso, o preconceito e o estereótipo discriminam e matam muitos jovens na periferia de Fortaleza. Tal desigualdade está em consonância com toda a lógica política desenvolvida entorno da periferia. Diante do exposto, no momento atual, o que ativa o movimento, além de seus objetivos já pontuados, é a busca por somar experiências, multiplicar fortalecimentos e tentar diminuir injustiças que as envolvem (FREITAS, BRASIL e ALMEIDA, 2012).

Dominações autoritárias, desumanização da juventude periférica e a contestação do monopólio da violência legítima: “Que eu saiba a polícia prende, não mata. Estão é matando.”⁹

Um tema que aparece de forma central no contexto e no movimento investigado é o extermínio da juventude periférica pelo ramo armado do Estado. Tal tema pode ser dividido em três preocupações teóricas: a primeira se vincula ao processo de desumanização dos mais vulneráveis, seja no sentido econômico, seja no sentido político, tornando-os matáveis, inclusive pelas forças de segurança; a segunda, decorrente da primeira, é a constituição de um debate sobre a legitimidade do monopólio estatal da violência, uma vez que o aparato do Estado operou e opera em desacordo com seu mandato de garantir a segurança de seus cidadãos; e, a terceira aponta para uma discussão de fundo que diagnostica três dominações fundamentais que gestam a opressão, são elas o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, e esta vem se revelando cada vez mais de forma autoritária.

O próprio morticínio investigado neste trabalho lança luzes sobre o processo de *desumanização do outro* (MISSE, 2016) periférico e vulnerável. As condições infraestruturais precarizadas, o aspecto socioeconômico pauperizado e o estatuto político das vítimas que as levaram a ser previamente colocadas como bandidos ou relacionados a gangues, revelam, antes de tudo, como está constituído um cenário adverso às vidas das juventudes periféricas, em que se aceita o caráter seletivo das mortes das juventudes. Não sendo um caso isolado, o *Atlas da Violência 2018* apontou que em 2016 houve um aumento de 7,4% em relação a 2015 no número de jovens mortos de forma violenta e se a comparação for mais longitudinal, entre 2006 e 2016, se encontrará o registro do aumento de 23,3%. Assim, as juventudes periféricas estão, por um lado, assoladas pela violência estrutural em seu cotidiano e, por outro, são identificadas, pelo Estado, como alvos centrais das políticas de controle social e repressão. O que resulta disso é, primeiro, uma estigmatização territorial por ser periférico e, em seguida, uma normalização acerca da morte e da mortalidade do seguimento periférico das juventudes, ou seja, tais juventudes são vistas como *matáveis*, até mesmo pela polícia. (CASTRO e ABRAMOVAY, 2002, p. 17; CERQUEIRA *et al.*, 2018; CASTRO e AQUINO, 2008; FREITAS, BRASIL e ALMEIDA, 2012; MISSE, 2016; ONZE, 2018).

Decorre disso, um debate tanto comunitário quanto teórico acerca da atuação da polícia na periferia, muito bem expresso por um dos moradores da grande Messejana quando fala que: “O policial tem que ir atrás é de bandido, num é de matar cidadão não. Se nós não confia em policial pra fazer nossa segurança, nós vamo confiar em quem, mah!” (ONZE, 2018). Se para Weber (1999) o Estado tem o monopólio da violência

9 Trecho retirado do documentário Onze – A maior chacina da história do Ceará. (ONZE, 2018).

legítima, para os moradores da grande Messejana e o próprio movimento social Mães do Curió esta legitimidade deve ser relativizada. Uma vez que dá ao ramo armado do Estado a justificativa de agir de modo a reificar a estigmatização e desumanização que indicamos anteriormente e, portanto, de realizar nas juventudes sob seu mandato (para não dizer sob seu julgo) o enquadramento de matáveis. A reivindicação está no sentido de fazer com que a instituição policial retorne à coerência de seu mandato, ou seja, da garantia da segurança de *todos* os cidadãos, não excluindo um seguimento e os levando à morte. De outro modo, a própria instituição policial perde prestígio ante os cidadãos, de maneira que se deslegitima como fonte de ordenamento para toda uma gama da população. O que tem ocorrido, e a Chacina do Curió demarca, é o extrapolamento da legitimidade por parte do Estado e da instituição policial, que vem levando a um deterioramento da imagem de promotor da segurança pública.

Quando os jovens moradores da grande Messejana dizem que o extermínio “tem cor e tem classe” (ONZE, 2018) eles verbalizam a tonicidade da Chacina do Curió e que somado a necessidade das Mães defrontarem o Estado em busca de justiça, fazem a composição de um cenário em que opressões autoritárias se veiculam ao mesmo tempo. São elas: a desferida pela sociedade de consumo (e cada vez mais financeirizada) capitalista, que exclui e retira direitos para a manutenção de sua ordem orgânica; a fincada pela dinâmica reiterada do colonialismo, que segmenta a sociedade e indica a condição racial como definidora de importância de certas vidas; e a do patriarcado que tanto coloca as mulheres a reboque quanto gesta configurações de masculinidades violentas. Um exemplo está, como apontamos anteriormente, na falta de infraestrutura e na condição socioeconômica deprimida na região em que ocorreu a chacina, sendo essa periférica; outro no indicativo do *Atlas da Violência 2018* de que 71,5% das pessoas assassinadas são negras ou pardas, com baixa escolaridade e não possuem o ensino fundamental concluído. Todos os assassinados serem homens e as grandes personagens do movimento serem mulheres revelam, também, um traço patriarcal da ação violenta do aparato repressivo do Estado. Fazendo com que a busca pela desconstrução desse cenário perpassasse o embate não com uma dessas dimensões, mas com todas ao mesmo tempo. Revelando, desse modo, que tem de ser uma discussão transversal e que compreenda os nexos que articulam as múltiplas particularidades desses processos autoritários de dominação/opressão sobre a classe, o gênero e composição de raça. (CERQUEIRA *et al.*, 2018; FRANCO, 2017; IASI, 2007, p.108; SANTOS, 2018; SILVA e FREITAS, 2018; ZALUAR, 2018).

Considerações finais

Em diálogo com o empírico, esta pesquisa buscou compreender como um movimento social constituído por familiares de vítimas da violência estatal pode revelar as opressões gestadas pelo Capital, operadas pelo Estado e realizadas pelo aparato repressivo desse mesmo Estado. Trazendo para a análise as condições reais da vivência periférica e

oprimida e a disposição do Estado por meio de seu ramo armado de controlar, cercear e coibir a liberdade das juventudes periféricas.

Em contraponto, esse mesmo movimento, o Mães do Curió, encontrou em sua existência uma forma de resistir, mas, também, de *re-existir* através do reconhecimento e pertencimento ao território, aos modos de vida e à coletividade, percebendo no outro uma realidade semelhante a que vivenciaram e vivenciam. Com esse olhar, despertaram em si mesmas formas de solidariedades comuns que se somam a uma disposição a reagir e enfrentar uma lógica capitalista, patriarcal e colonialista que criminaliza e estereotipa a periferia e seus pertencentes como perigosos e marginais, realizando, como aponta Misse (2016), uma desumanização do outro, fundamentalmente jovem e periférico. (SANTOS, 2018; SILVA e FREITAS, 2018).

Esse contexto e cenário apresentam ao movimento aqui discutido, como reivindicação primeira, a reconquista do direito de permanecer vivo às juventudes periféricas, ao mesmo tempo que se propõe a um chamado ao *direito social da periferia*¹⁰ que perpassa a manutenção da existência, dos modos de vida, do direito a cidade e a re-humanização do ser periférico. (ONZE, 2018).

Em reverso, o Estado se mantém opressor quando opera de forma demorada na procura de responsabilizar os culpados desses assassinatos em série. Uma vez que depois de mais de três anos do morticínio em questão, nenhuma resposta concreta foi dada para essas famílias que vivem em um contexto de insegurança, estando na linha de frente ante os agressores e mandantes, enquanto esses estão com seus direitos assegurados e envoltos pelo governo do estado, pela instituição policial e por sua corporação. Com isso, a omissão do governo para com o movimento, possibilitou que nove policiais militares acusados de participarem dos crimes retornassem às atividades administrativas na Polícia Militar do Ceará (PMCE). (O POVO, 2019).

Assim, pudemos observar a existência de um problema estrutural que articula inúmeras singularidades que perpassam a classe, o gênero e a cor. Expressando a linha tênue entre viver, sobreviver e morrer pelos processos de estigmatização, pauperização, precarização da vida e coerção pelo aparelho estatal – este último que compreende o corpo como objeto e alvo último de controle e poder –, que são operados simultaneamente pelo capitalismo, colonialismo e patriarcalismo em formas de dominação autoritárias sobre as juventudes periféricas. (FOUCAULT, 1987; FRANCO, 2017; IASI, 2007; SANTOS, 2018; ZALUAR, 2018).

¹⁰ Expressão apresentada pelos próprios jovens da grande Messejana em manifestações compiladas pelo documentário Onze.

Referências

ALMEIDA, V. 38 PMs são indiciados pela maior chacina do CE, na Grande Messejana. *G1*, Fortaleza, 12 abr. 2016. Fortaleza, *G1* CE. Acesso em: 2 abr. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2IIuPHY>.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2008. (Texto para Discussão, 1335).

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa*, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 143-176, jul. 2012.

CERQUEIRA, D. *et al.* Atlas da violência 2018. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2018. Acesso em: 16 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2yBW1V1>.

DIÁRIO DO NORDESTE. Chacina de Messejana: como tudo começou. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1 ago. 2016. Fortaleza, Segurança. Acesso em: 10 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2PiFTwc>.

FREITAS, G. J.; BRASIL, G. M.; ALMEIDA, R. O. Morte em fronteiras: jovens “matáveis” nos celeiros da política e da cidade. *Configurações* [Online], Braga, n.10, 2012. Acesso em: 1 abr. 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/1509>.

FRANCO, M. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: BUENO, W. *et al.* (Orgs.). *Tem saída? Ensaio crítico sobre o Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2017. (p. 89 – 95).

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

G1. Dois dos 11 mortos em chacina no CE responderam por crimes leves. *G1*, Fortaleza, 13 nov. 2015. 2015a. Fortaleza, *G1* CE. Acesso em: 2 abr. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2XqZc9x>.

_____. Moradores protestam contra a morte de jovens em chacina de 11 em Fortaleza. *G1*, Fortaleza, 15 nov. 2015. 2015b. Fortaleza, *G1* CE. Acesso em: 10 abr. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2Ut3BXt>.

GONÇALVES, A. F. *Experiência em economia solidária no Estado do Ceará*. Campinas: Unicamp/CMU; Arte Escrita, 2009.

GUERRA, Y. *et al.* O debate contemporâneo da “questão social”. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 3, 2007, São Luís. *Anais...* . São Luís: UFMA, 2007. p. 1 – 9.

IASI, M. L. O conceito e o “não conceito” de classes em Marx. In: _____. *Ensaaios sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. (p. 101-121).

MISSE, Michel. Violência e teoria social. *Dilemas*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 9, p. 45 – 63, jan.\abr. 2016.

NARLLA, H. Nenhuma das vítimas de chacina da Messejana tinha antecedentes criminais graves. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 13 nov. 2015. Fortaleza, Segurança Pública. Acesso em: 20. mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Pj3CMO>.

ONZE: A maior chacina da história do Ceará. Direção e Produção: Coletivos Nigéria, Zóio e Voz e Vez das Comunidades. Fortaleza: Coletivos Nigéria, Zóio e Voz e Vez das Comunidades, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2ZtebRZ>. Acesso em: 1 abr. 2019.

O POVO. Secretária divulga lista dos 11 mortos em chacinas na Grande Messejana. *O Povo*, Fortaleza, 12 nov. 2015. 2015a. Fortaleza, Crimes. Acesso em: 15 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Isrld3>.

_____. Chacina na Grande Messejana é a quinta no Ceará neste ano. *O Povo*, Fortaleza, 13 nov. 2015. 2015b. Fortaleza, Segurança. Acesso em: 15 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2XulHdU>.

_____. 32 réus aguardam julgamento, mais de dois anos após chacina que era a maior do Ceará. *O Povo*, Fortaleza, 27 jan. 2018. 2018a. Fortaleza, Notícias. Acesso em: 10 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2GpAKyn>.

_____. Ceará teve 44 mortos em seis chacinas neste ano. *O Povo*, Fortaleza, 13 jul. 2018. 2018b. Fortaleza, Notícias. Acesso em: 10 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2DpTpcy>.

_____. Nove PMs acusados por Chacina de Messejana voltam ao trabalho, mas sem porte de arma de fogo. *O Povo*, Fortaleza, 13 abr. 2019. Fortaleza, Justiça. Acesso em: 14 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2UfJ4Wl>.

SANTOS, B. S. *Esquerdas do mundo*, uni-vos! São Paulo: Boitempo, 2018.

SECHERER, G. A. *Serviço Social e Arte: Juventudes e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, F. R. N.; FREITAS, G. J. Práticas poéticas: juventude, violência e insegurança em Fortaleza. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 14, n. 26, p. 129 – 155, 2018.

VIANA, T. Chacina de Messejana: após três anos, famílias das vítimas lutam por julgamentos de PMs envolvidos. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 12 nov. 2018. Metro. Acesso em: 8 abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Dd786y>.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: UnB, 1999.

_____. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: _____.; COHN, G. (Org). *Max Weber: sociologia*. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 79- 127.

ZALUAR, A. Retomar o debate logo. *Reciis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 357 – 363, out./dez. 2018.

Recebido: 19/05/2019

Aprovado: 10/07/2019